

O Cão na História e na Madeira

Por Alvaro Manso de Sousa

Descalço e nu, percorria o primeiro homem os umbrosos trilhos do Paraíso Terreal sorvendo os formosos e sumarentos frutos que pendiam, à mão tente, no basto pomar doirado do princípio do Mundo. Um ar de fartura providencial era aquele entornado perfume que rescendia dos pomos sazonados. Com regalo para a sua goela ressequida pela estirada marcha daquela manhã, levantava o primeiro homem um longo e cabeludo braço, e os dedos bem ungulados como garras animais, colhiam o especioso alimento que a boca voraz tasquinava voluptuosamente.

Porque nem só de musgos macios seriam os caminhos edénicos, por sobre a planta dos pés, de cascos gretados pelo formigão das erosões, talvez tivesse já espremido, alguma vez, instintivamente, o ácido suco dos citrinos.

Ia, pois, o primeiro homem, descalço e nu, de clava ao ombro, aquela rija moca vegetal que em assobiantes molinetes o defendia das feras, esborrachando aqui crânios e estilçando acolá dentuças.

Temido já pelos habitantes da selva, a fedorenta hiena e o repelente chacal que embuscados no emaranhado matagal o espreitavam com olhos fosforescentes,—o primeiro homem seguia cauteloso, capaz de pular para o cimo acolhedor do arvoredor se acaso surgisse um ataque conjunto de bichos conflituosos. As fundas cicatrizes de rasgões que o veloso pêlo mal disfarçava, era-lhe, no corpo musculoso, sinal de lutas prodigiosas donde escapara sangrando, dorido e extenuado. Prevenindo tal achincalhe, a experiência dera-lhe manhas, ensinara-lhe traças de guerra como a de esquivar-se à refrega do corpo-a-corpo, especialmente se, em bando uivante, se via cercado de lobos famintos, pois, enquanto esfrangalhava os da frente, os da rectaguarda saltavam-lhe ao dorso cevando-se na massa fibrosa das espáduas e mesmo tentando ferrar-lhe as presas na jugular entumecida.

Passaram-se anos, ia ainda descalço e nu, mas, agora, farejando em torno, atento ao perigo eventual, pronto para defendê-lo nos arriscados

lances, tinha o primeiro homem como companheiro prestadio um quadrúpede ligeiro e fiel, o cão, a cuja domesticidade se dedicara levando-o à força de carinho e lambugem ao fundo da caverna familiar onde se acolhia.

Na promiscuidade da mesma cama de líquenes e fetos secos, um a saborear a gostosa febra outro a rilhar o osso esburgado, cimentara-se entre o homem e o cão além duma amizade de fundas raízes, um tácito contrato de prestação de serviços.

Sem maliciosas rupturas, sem quebras fraudulentas, sem erradas interpretações, vem de tempos imemoriais essa amorável ligação, essa afetuosa aliança, porventura a mais antiga em todo o mundo.

Trabalho insano seria o de fazer parar, no cão, o primitivo instinto sanguíneo de filar pescoços, retalhar panças e mastigar vísceras, o que foi conseguido a ponto de, hoje, tais arreganhos se confinarem, no cão podengo, ao inocente estrancinhar do misero coelho das serras e, no cão rateiro, à modesta rechassada nos morganhos das despensas.

Cruzado e recruzado engendrou-se ao cão várias raças de fraldiqueiros, mastins, lebreus, e, assim, de fila, de guarda, de pastoreio, de polícia, de caça e de outras aptidões, e nunca mais ao homem faltou auxílio, fidelidade, companhia, dedicação e vigia, nem ao cão faltou os restos dum almoço e um afago carinhoso no focinho inofensivo.

Se bem que na fábula de Esopo os cães tiveram de reclamar a Júpiter melhoria de vida—talvez subvenções e abono de família—é conveniente ter-se como expressão de puro humorismo aqueles versos do clássico:

*... Quassatque fulmen: tremere caepere omnia:
Canes, confusos, subito quod fuerat fragor
Repente odorem mixtum cum merdis cacant*

Nos tempos bíblicos o cão é festejado como

o mais completo amigo do homem e, apesar de «quem com cães se deita com pulgas se levanta», bem atilado andou Noé ao reservar-lhe lugar no avantajado bojo da Arca.

Com a recente descoberta da ciência de que a saliva do cão é esterilizante compreende-se o *quam bonum* para Job, deixando aos rafeiros vadios das tristes ruelas de algures, na Terra de Hus, na velha Mesopotâmia, o caridoso feito de lamber-lhe as horríveis chagas das pernas.

Na Madeira, o cão teria aparecido com o colonizador. As «Saudades da Terra», no capítulo XX, referindo-se à Capitania de Tristão, diz:

«E, por ser esta Jurisdição de tanta caça havia em Machico homens desta nobre geração tão caçadores de gaviões, lebreos e cães de fila que foi huma das nobres cousas do Reyno; e dia se fazia que matavam duzentos coelhos, fora muitas perdizes, e outra muita caça, e todos vinham, e entravam na vila a cavallo com os gaviões na mão, que mais parecia huma nobre côrte, que vila de tão poucos vesinhos.»

As velhas posturas da Câmara Municipal do Funchal determinavam que:

Nenhuma pessoa q tem guado de qualquer sorte não tera mais de hum cão pera apastorar sob pena de quinhentos rs por cada hum q. mais tiver. (À margem): Comtanto q. não seja de fila nem caxorro grd.º.

e mais que:

Nenhua pessoa vaa caçar emquanto as vinhas tem huvas sem levar os cães presos...

e, ainda, que:

Nenhua pessoa que tiver cão o trara sem trabalho des o primr.º de Julho atee todo outubro ou sem caibo ao pesçoço...

Passar «como cão por vinha vindimada» é o mesmo que dizer-se de alguém que anda resolutamente, olhar vaço, filosofando na vida, alheio ao trânsito, e, assim, no dia 29 de Agosto de 1851, ao falecido genealogista Felisberto Bettencourt Miranda, em pleno passeio, investiu o cão do Dr. Landy, inutilizando-lhe «um chapéu de sol de seda com que procurou defender-se do ani-

mal». Necessário se tornou ao Administrador do Concelho, Valentim Mendonça Drumond, officiar ao sr. Raimundo Ellicot, procurador do ausente Dr. Landy, notando-lhe conservasse o cão dentro da propriedade, e pedindo-lhe indemnizasse «aquele cidadão do valor do referido chapéu, que lhe custara 6,000 reis».

Curioso, porém, pela sua pitoresca literatura official é o seguinte:

EDICTAL

Tarquínio Torquato da Câmara Lomelino, Bacharel formado em Direito pela Universd.º de Coimbra, Admt: do Conc: do F.al, por S. Mag: Fidel: a Rainha que D.º Gd.º &.

Sendo sobremaneira escandaloso que filhos da verdadeira Religião, esquecidos do respeito que devem aos Templos consintão que cães grandes e pequenos que tem em suas casas os sigão nas ocasiões em que vão ás solemnidades religiosas, ou a ouvirem o sancto sacrificio da Missa, e o que não ousarião fazer quando fossem visitar uma authorid.º, ou um grande da Terra, se não pejam de praticar na casa de Deus, dando assim ocasião aos repetidos escandalos que resultão da reunião de cães e cadellas na presença de suas filhas, que simultaneamente concorrem a essas solemnidades, e que sobre tais escandalos motivão que rixando aquelles animais se ocasionão tumultos,—se perturbão os officios com notavel distração dos fieis, alem de serem prejudiciaes á limpeza e asseio que se deve conservar nos Templos; e sendo-me representado o referido pelo Rev.º Conego Mordomo da Fabrica Cathedral, e ao mesmo tempo exposto que elle não acharia uma pessoa que quisesse servir o emprego de Perreiro, que antes havia, porque ninguem se queria expor a ter desentelligencias com os donos dos cães, fazendo-os sahir, ou obstar que troxessem algum chamado do collo, ou de raça pequena, que todos indistinctamt.º são prohibidos pela policia da Igreja de não entrarem nesta; e competindo-me manter a Policia dos Templos segundo o Cod. Adm. Art.º 249—n.º 10, fazendo cessar taes immoralid.ºes—determino que d'ora-avante ninguem leve aos Templos em qualquer ocasião seus cães grandes ou pequenos, mas para delles não serem seguidos os prendão em suas casas nesses dias em que aos Templos concorrem os Fieis, com a comminação de que convencidos de serem donos dos cães que aparecem nas Igrejas ser-

lhes imposta a pena dos que desobedecem aos mandados das autoridades, e todo o cão que se colher na Igreja sem que se lhe conheça dono será morto. — E para que chegue á notícia de todos e ninguém possa alegar ignorancia mandei afixar e publicar este a toque de caixa nos logares do costume.

Adm.ção do Concelho do F.al, 26 de Out.º de 1852

(a) *Tarquinio Torquato da Camara Lomelino.*

Embora publicado «a toque de caixa» (1) a breve trecho foi esquecido o edital, certamente, porque mais tarde teria sido provido o cargo de Perreiro—o conhecido «Enxota-cães»—avistado nos nossos dias nas procissões, onde tem lugar marcado, ou vagueando pela Igreja, dentro dum balandrau carmezim e sustendo apoiado ao colo a «massa» de prata, símbolo do porrete punitivo com que, outrora, no desempenho cabal das suas funções, vergastava, expulsando-os para fora, os cães que irreverentemente «rixavam» na Sé do Funchal.

(1) *Para chamar a atenção do público, o Administrador do Concelho do Funchal, em officio ao Marechal Comandante da 9.ª Divisão Militar, pede em 2 de Outubro de 1847, a concessão de dois tambores do corpo de artilheiros auxiliares e, na falta destes, dois cornetas do batalhão de Caçadores 6, que se prestem a rufar—o toque de caixa—ou soprar nos metais, durante a publicação dos Editais.*

